



PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO CORRENTE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
E.M.E.B. “JORNALISTA GRANDUQUE JOSÉ”

Rua Marechal Deodoro, 815 – Bairro Centro – Ribeirão Corrente - SP. CEP: 14445-000 - Fone: (16) 3749.1017

Ato de Criação: Lei Municipal N° 986, de 20 de março de 2008

Email - granduquejose@educacao.sp.gov.br

ESTUDO EM CASA - DISTANCIAMENTO SOCIAL - COVID 19
ATIVIDADES DE REDAÇÃO – 8º ANOS A B e C.
25ª SEMANA – DE 16 a 20/08/21 – 3º BIMESTRE
PROFESSORAS: JOYCE BERTANHA e GISLAINE REIS

- Olá, meninos e meninas! Espero que estejam todos bem!
- Nesta semana, estudaremos o gênero textual **Texto Teatral**.
- Quem puder entrar no chat para assistir a aula será muito bem recebido.
- Qualquer dúvida estou à disposição. É só me chamar no privado.
- As fotos das atividades deverão ser enviadas até o dia 27/08(sexta - feira).
- **LEMBRANDO que as atividades enviadas após esta data, valerão 6,0.**

Bons estudos e boa semana!

Texto Teatral

O **texto teatral** é um texto narrativo que dispensa o narrador, uma vez que no teatro a história não nos é contada, mas “mostrada” pelos atores representando as personagens. Em virtude da falta do narrador, o diálogo constitui-se o elemento determinante da ação dramática. O texto teatral encenado exige elementos como o cenário, luz, figurino, maquiagem, gestos, movimento, etc. No texto teatral escrito, esses elementos estão presentes nas rubricas, que aparecem em letras de tipos diferentes, em itálico, por exemplo.

São, portanto, peças de teatro escritas por dramaturgos e dirigidos por produtores teatrais e, em sua maioria, são pertencentes ao gênero narrativo. texto seja, pois apresentam enredo, personagens, tempo, espaço e podem estar divididas em “Atos”, que representam os diversos momentos da ação, por exemplo, a mudança de cenário e/ou de personagens.

De características peculiares e se distancia de outros tipos de texto pela principal função que lhe é atribuída: a encenação. Dessa forma, ele apresenta diálogo entre as personagens e algumas observações no corpo do texto, tal qual o espaço, cena, ato, personagens, rubricas (de interpretação, de movimento).

Reprodução do primeiro quadro da peça teatral “ O pagador de promessas”, referente ao 1º Ato .



Disponível em:

<http://noticias.r7.com/blogs/rubens-ewald-filho/2009/11/07/perdemos-anselmo-duarte/>

Leia o fragmento da peça teatral “ O pagador de promessas”, de Dias Gomes, e responda às questões propostas.

“O HOMEM, no sistema capitalista, é um ser que luta contra uma engrenagem social que promove a sua desintegração, ao mesmo tempo que aparenta e declara agir em defesa de sua liberdade individual. Para adaptar-se a essa engrenagem, o indivíduo concede levemente, ou abdica por completo de si mesmo. O Pagador de Promessas é a estória de um homem que não quis conceder – e foi destruído. Seu tema central é, assim, o mito da liberdade capitalista. Baseado no princípio da liberdade de escolha, a sociedade burguesa não fornece ao indivíduo os meios necessários ao exercício da dessa liberdade, tornando-a, ilusória. (GOMES, DIAS. 1972)

Primeiro ATO: Primeiro quadro.

A primeira cena da peça teatral inicia-se às quatro horas e trinta minutos. Ainda não havia amanhecido na cidade de Salvador e o casal Zé do Burro e sua esposa Rosa, chegam a frente à igreja de Santa Bárbara. Saíram às cinco da manhã do interior baiano e caminharam sete léguas até que chegam à igreja um pouco antes desse horário. Zé do Burro era um homem muito simples, proprietário rural de um pequeno pedaço de terra no interior do nordeste, donde tirava o sustento de sua família e possuía um burro, o Nicolau por quem tinha muito apego e que acreditava que tinha “alma de gente”. Uma fatalidade

mudou o rumo de sua vida: um dia o burro foi atingido por uma queda de uma árvore, em virtude de um raio, deixando-o gravemente ferido. Zé do Burro desesperado ante essa situação, fez uma promessa à Santa Bárbara: caso seu burro se recuperasse, ele dividiria suas terras entre os necessitados e carregaria uma cruz tão pesada como a de Jesus até a igreja da Santa. Como em sua cidade não havia a respectiva igreja, fez a promessa em um terreiro de candomblé, onde ela é conhecida pelo nome de Iansã. Seu burro se recupera e assim, ele e sua esposa, partem em via crucis para cumprir o prometido e oferecer ao padre responsável pela referida igreja, à sua cruz.

Zé — *(Olhando a igreja.)* É essa. Só pode ser essa. *(Rosa pára também, junto aos degraus, cansada, enfasiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma.)*

Rosa — E agora? Está fechada.

Zé — É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

Rosa — Esperar? Aqui?

Zé — Não tem outro jeito.

Rosa — *(Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato.)* Estou com cada bolha d'água no pé que dá medo.

Zé — Eu também. *(Contorce-se de dor. Despe uma das mangas do paletó.)* Acho que os meus ombros estão em carne viva.

Rosa — Bem feito. Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.

Zé — *(Convicto)* Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinha.

Rosa — Então: se você não falou, podia ter botado; a Santa não ia dizer nada.

Zé — Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

Rosa — Não usou porque não deixaram.

Zé — Não, esse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: — Ah, você é o Zé do Burro, aquele que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

Rosa — Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois dessa? Já não chega?

Zé — Sei não ... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. *(Ele sobe um ou dois degraus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição.)*

Rosa — Que é que você está procurando?

Zé — Qualquer coisa escrita, pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

Rosa — E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?

Zé — É que pode não ser essa...

Rosa — Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...

Zé — *(Corre os olhos em volta.)* Se a gente pudesse perguntar a alguém...

Rosa — Essa hora está todo mundo dormindo. *(Olha-o quase com raiva.)* Todo o mundo ... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. *(Levanta-se e procura convencê-lo.)* Escute, Zé... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar para dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama? ...

Zé — E a cruz?

Rosa — Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia ...

Zé — Podem roubar ...

Rosa — Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?

Zé — Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou: se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas.

Rosa — Pra quê? Você explicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer questão.

Disponível em:

<http://valiteratura.blogspot.com/2010/09/o-pagador-de-promessas.html>

Sobre o autor:



Disponível: http://www.passeiweb.com/saiba_mais/biografias/d/dias_gomes

Alfredo de Freitas Dias Gomes (Salvador BA 1922 - São Paulo SP 1999). Autor. Sua obra tem uma abordagem humanista de esquerda, com temática voltada para o homem brasileiro e sua luta com a engrenagem social. Entre elas, O Pagador de Promessas, um clássico da moderna dramaturgia brasileira. [...]

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades_biografia&cd_verbete=731

Vídeo - Peça - O Pagador de Promessas

Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=As4Dv8mLFws&feature=related>

Questões

1. Zé do Burro vive em um mundo mágico, em que se acredita no que não é real. Para ele havia limites entre o céu e a terra? Justifique sua resposta.
2. Ser submisso é gostar de ser dominado, ser escravo. Em sua opinião, Rosa era submissa a Zé do Burro ou o acompanhava em sua peregrinação por amor?
3. Há mais submissão das mulheres no meio rural ou no meio urbano? Por quê?
4. A religiosidade de Zé do Burro demonstra amor ou temor a Deus? Justifique.
5. O que você pensa a respeito do fato de algumas religiões incentivar o sacrifício dos fiéis na terra para alcançar o céu? Explique.
6. O texto teatral escrito apresenta alguns tipos de letras diferentes, em geral em itálico, que são chamados rubricas.

Observe:

Rosa — *(Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato.)* Estou com cada bolha d'água no pé que dá medo. Discuta com seus colegas e responda: qual é a função das rubricas nesse tipo de texto?

Responda: qual é a função das rubricas nesse tipo de texto?